

Sarney pretende consolidar bloco de apoio

Da Sucursal de Brasília

O presidente José Sarney disse ontem, no programa "Conversa ao Pé do Rádio", que pretende "consolidar uma maioria parlamentar para apoiar a conclusão do processo de abertura política". Segundo ele, as decisões tomadas na última terça-feira pelo Congresso constituinte — manutenção do presidencialismo e fixação do mandato de cinco anos para os futuros presidentes — afastam "aprensões" e dão condições para que medidas visando a recuperação da economia sejam adotadas.

"As medidas virão e, com o apoio do Congresso Nacional, da Assembleia Nacional Constituinte e do povo brasileiro, vamos buscar uma nova etapa", afirmou Sarney, antes de concluir: "Estou convicto de que, afinal, começamos a olhar o fim do túnel". Segundo o presidente, "a Constituinte deu uma demonstração de grande maturidade", afastando as perplexidades e trazendo de volta a tranquilidade, a esperança e a confiança.

No programa de ontem, ao contrário dos anteriores, Sarney não fez acusações a políticos "radicais" nem se queixou de "campanhas" contra seu governo. Afirmou que a hora é de união e que tem de presidir

Alunos de cidades-satélites cercam o presidente

Da Sucursal de Brasília

O presidente José Sarney foi cercado e abraçado por dezenas de crianças às 18h de ontem, quando saía do Palácio do Planalto em direção ao Palácio da Alvorada, sua residência oficial. Ao todo, eram 250 alunos de primeiro grau de três escolas públicas das cidades-satélites de Ceilândia, Taguatinga e Núcleo Bandeirante.

Eles haviam visitado o Planalto e, naquela hora, na calçada do Palácio, assistiam a cerimônia militar da "grande passagem da guarda". A segurança da Presidência não tinha previsto o tumulto e teve que retirar Sarney às pressas, aos gritos de "calma, calma". Sarney havia descido do carro para acenar para as crianças, a uma distância aproximada de 10 metros, quando elas correram em sua direção. Já dentro

este processo "com isenção, acima das facções partidárias, com a isenção de um magistrado, buscando um governo de união que não significa necessariamente unanimidade, mas unidade". Sobre o bloco

do carro, o presidente acenou para as cerca de 200 pessoas que estavam em frente ao Palácio, do outro lado da pista, para assistir a cerimônia. Alguns aplaudiram e acenaram para Sarney enquanto o carro passava.

Havia uma expectativa entre jornalistas e assessores do presidente de que ele descia a rampa do Palácio, como costumava fazer todas as sextas-feiras. A "solenidade de descida da rampa" foi interrompida em julho de 1986, sem explicação oficial. Depois que o presidente foi embora, o chefe do cerimonial, Júlio César Gomes dos Santos, disse que "alguém inventou" a informação de que ele descia a rampa. Segundo ele, uma prova de que o presidente não tinha esta intenção era o fato de ele não estar com traje de passeio completo, uma "exigência" da cerimônia.

parlamentar de apoio ao governo, Sarney diz que ele será formado "sem prejuízo dos partidos políticos que constituem a alma do sistema democrático".

Sarney classificou de "extrema-

mente legítima" a decisão do Congresso constituinte e afirmou que não se trata de uma vitória pessoal sua, mas "uma vitória do Brasil e do povo brasileiro". "Nós não podíamos mudar o regime sem um debate amplo, sem que a nação pudesse opinar, sem aprofundarmos a análise do que isto representava. Afinal, o regime presidencialista tem quase cem anos."

Sarney reafirmou que tem como "prioridade das prioridades a transição democrática". Segundo ele, "são três anos em que o Brasil desfruta de total liberdade, sem discriminações ideológicas, sem cerceamento de qualquer direito, todos vivendo em total segurança, pensando, opinando, discutindo de acordo com a sua consciência".

"Sei o que tem me custado em termos de sacrifício pessoal o alto preço de presidir um país com tantos problemas e desafios numa hora de transição. Mas me considero em condições de suportar essas dificuldades, de desfrutar de uma estrutura pessoal que me permite não ter medo nem desânimo." Sarney disse que deixará para seu sucessor a democracia construída e "todas as condições de governabilidade", para que ele não tenha "apenas que enfrentar crises e conflitos".

Cardoso afirma que o país sofreu um retrocesso político

Da Sucursal de Brasília

A "Nova República" virtualmente terminou na última terça-feira, quando o Congresso constituinte aprovou o presidencialismo e os cinco anos de mandato para os futuros presidentes, disse ontem o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). "Voltamos à situação pré-Nova República". Foi retrocesso mesmo. Estamos sem alternativa senão recomeçar a luta", disse o líder do PMDB no Senado.

Cardoso comparou a estratégia do presidente José Sarney em relação ao PMDB (seu partido) aos métodos usados em sessões de tortura. "A política do Sarney é a da tortura: um bate, outro oferece um cafézinho. Nada mudou. A linha dele é destruir o PMDB", disse.

Mesmo assim, afirmou que uma mudança do quadro partidário ocorrerá depois do Congresso constituinte. Mas a ala esquerda e o bloco centro-esquerda do PMDB ainda discutem o que farão daqui para frente. A primeira medida é a formação de dois blocos dentro da Constituinte. Um deles, suprapartidário, uniria aqueles que querem aprovar o mandato de quatro anos para Sarney, na votação das disposições Transitórias. Outro, que Cardoso batizou de "bloco independente", seria formado dentro do PMDB, para marcar sua diferença em relação aos peemedebistas conservadores. O bloco independente divulgará um documento com três objetivos:

1) ruptura com o governo Sarney; 2) defesa dos quatro anos para Sarney; 3) luta pela "depuração do partido mediante o confronto com a banda fisiológica", como disse ontem o deputado Jorge Hage (PMDB-BA). Um dos articuladores do "bloco independente" é o governador Waldir Pires, da Bahia. O documento só não sairá nos próximos dias porque Waldir tentará atrair para o grupo outros governadores. Ele já conversou, por telefone, com Miguel Arraes (governador de Pernambuco) e falará com Pedro Simon (Rio Grande do Sul), Carlos Bezerra (Mato Grosso), Max Mauro Espíri-



O senador Fernando Henrique Cardoso

to Santo), Moreira Franco (Rio de Janeiro) e possivelmente Henrique Santillo (Goiás).

O "bloco independente" é também uma tentativa de evitar a erosão do PMDB, com o desligamento gradual de deputados do partido (caso do grupo mineiro do deputado Pimenta da Veiga, que saiu na última quinta-feira). A formação de um novo partido Social Democrata dependerá, segundo Hage, da convenção que a atual direção do PMDB vai convocar depois de promulgada a Constituição. Só se a linha "histórica" for derrrotada pelos conservadores é que as principais lideranças se lançarão ao novo partido.

Já se discute até as siglas desse partido. Uma das lembranças foi justamente a sigla MDB (Movimento Democrático Brasileiro), a mesma que originou o atual PMDB. Outra é PSDB — Partido Social Democrata Brasileiro. O senador Fernando Henrique Cardoso, ao comentar a articulação de governadores pró-quatro anos em defesa das eleições presidenciais este ano, liderada por Waldir Pires, disse que: "Eles deviam ter feito isso há mais tempo."

Constituinte faz sessão de uma hora por falta de quórum

Da Sucursal de Brasília

Menos de uma hora e meia depois de iniciada, a sessão de ontem do Congresso constituinte foi encerrada por falta de quórum. Às 10h30, apenas 149 parlamentares estavam no plenário (são necessários 280 votos para aprovação ou rejeição de qualquer proposta). O deputado Ulysses Guimarães, presidente do Congresso constituinte e do PMDB, convocou sessões para segunda, terça e quarta-feira.

Nenhum artigo foi posto em votação. Das 9h às 10h15, os constituintes se revezaram em discussões. Os principais líderes do Congresso constituinte não compareceram à sessão, que foi presidida pelo sena-

dor Mauro Benevides (PMDB-CE) já que Ulysses está em São Paulo.

Semana Santa

Na opinião de vários parlamentares, o Congresso constituinte normaliza seu trabalho somente após os feriados da Semana Santa. Constituintes, como os deputados Paulo Delgado (PT-MG) e Sandra Cavalcanti (PFL-RJ), estão defendendo que seja posto em votação um projeto de resolução que disciplina a presença nas sessões.

Segundo Delgado, em apenas quinze das 320 votações do plenário contabilizou-se a presença de mais de quinhentos constituintes. O quórum médio das sessões oscila entre 350 e 420 parlamentares. Estas quinze votações se deram em cinco dias.